

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 6, Número 1, Jan.-Jun. 2017

## A ASCENSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO CASAMENTO E DA HERANÇA EM UMA SOCIEDADE COM MARCAS PATRIARCAIS: UMA ANÁLISE DA OBRA HELENA DE MACHADO DE ASSIS

## THE SOCIAL ASCENSION THROUGH THE MARRIAGE AND HERITAGE IN A SOCIETY WITH PATRIARCHAL MARKS: AN ANALYSIS OF HELENA BY MACHADO DE ASSIS

SOUZA, Vanessa Fátima Moraes de  
LIMA, Marcos Hidemi de  
(UTFPR)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITARESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 26/04/2017 • APROVADO EM 15/05/2017

---

### Abstract

---

Patriarchy, family and social organization system in which the head of the family is the man, is a common characteristic of the society of the nineteenth and twentieth century. So, it can be noted that some literary works of the time represent that society, putting the white man in a prominent role and the black man and all the woman in a lower role, of submission to the white man. Accordingly, this article aims to analyze the presence of patriarchy by reading the spaces dedicated to the characters, as well to examine the role of Helena, how is her position and how she acts in her day-to-day life in order to rise socially through the family in which she

was recognized. So, it will be used the theories of Roberto Reis (1987) and Gilberto Freyre (2006) to talk about patriarchal society, Roberto Da Matta (1997) to analyze the "home" and "street" spaces, as well as Mary Del Priore (2014) and Maria Angela D'Incao (2013) theory, to analyze the role of women in history.



---

## Resumo

---

O patriarcalismo, sistema de organização familiar e social em que o chefe da família é o homem, é uma das características marcantes da sociedade do século XIX e XX. Dessa forma, pode-se notar que algumas obras literárias da época representam tal sociedade, colocando o homem branco em papel de destaque e o negro e a mulher em papel inferior, de submissão ao homem branco. Sendo assim, tal artigo pretende analisar a presença do patriarcalismo por meio da leitura dos espaços destinados aos personagens, bem como analisar o papel de Helena, como ela se posiciona e como age em seu dia a dia, a fim de ascender socialmente na família em que foi reconhecida. Em contrapartida, analisar-se-á também a personagem Eugênia com a mesma finalidade, ou seja, observar como essa ascende na sociedade. Dessa maneira utilizar-se-ão das teorias de Roberto Reis (1987) e Gilberto Freyre (2006) para falar sobre a sociedade patriarcal, de DaMatta (1997) para analisar os espaços "casa" e "rua", bem como a teoria de Mary Del Priore (2014) e Maria Ângela D'Incao (2013), para analisar o papel da mulher na história.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** *Helena*. Woman role. Patriarchy. Social mobility.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Helena*; Papel da mulher; Patriarcalismo; Ascensão social.

---

## Texto integral

---

### 1. Entendendo o caso

A obra *Helena*, escrita por Machado de Assis e publicada inicialmente em folhetins no ano de 1876, retrata uma sociedade com marcas patriarcais, deixando evidente o papel do homem e da mulher da época. O romance narra a história de Helena, uma jovem que, inicialmente, é vista como uma filha bastarda, mas que, em seguida, passa a viver com o irmão, Estácio, e com a tia, Dona Úrsula, pelo fato de ser reconhecida em testamento pelo pai, o Conselheiro Vale, que acabara de falecer.

Todavia, o enredo possui muitas reviravoltas. Estácio está prestes a se casar com Eugênia, porém, com a chegada da suspeita irmã, acaba se apaixonando por esta. A reciprocidade sentimental acontece. Contudo, Helena não se deixa levar por esse amor, visto que haveria uma possível relação de incesto, bem como pelo fato de, provavelmente, haver na sua entrada na casa dos Vale certa suspeição de que ela

busca a ascensão social em razão de omitir algumas informações sobre sua verdadeira filiação.



O fim da história possui muitas revelações. Em uma manhã, Estácio vê a meia-irmã saindo de uma casa com uma bandeira azul. Ele a segue até o local e descobre toda a verdade: Helena não era filha legítima do conselheiro. Decidido a deixar as coisas como estão, Estácio vê-se surpreendido com o adoecimento e a morte de Helena.

Dessa forma, após a leitura da obra e tendo em vista os acontecimentos e características apresentados no enredo, será analisado, neste capítulo, o papel da mulher, representado, sobretudo, por Helena e Eugênia, bem como se observarão como as marcas patriarcais são representadas na obra e como ocorre a ascensão social em sociedades regidas pelo sistema patriarcal.

Para a realização desse objetivo, o capítulo será fundamentado de acordo com as teorizações de Roberto Reis (1987) e Gilberto Freyre (1936), cujas obras abordam questões relativas à sociedade patriarcal. Além disso, as considerações doravante efetuadas também vão se apoiar em Roberto DaMatta (1997), que efetua discussões sobre as diferenças espaciais da “casa” e da “rua” dentro da sociedade, bem como as considerações, no âmbito histórico, de Mary Del Priore (2014) e Maria Ângela D’Incao (2013), que relatam a história da mulher brasileira no decorrer dos tempos e analisam seu papel na história.

Essa fundamentação baseada nos autores acima será aplicada na análise, não dispensando, quando necessário, que haja o apoio de outros estudiosos, para efetuar-se a observação de como Helena e Eugênia são representadas em uma sociedade na qual ainda vigoram certos traços – alguns mais tênues, outros mais bem delineados – da ordem patriarcal.

## **2. As marcas da ordem patriarcal em *Helena***

As marcas da ordem patriarcal podem ser vistas em muitas obras literárias produzidas por escritores brasileiros. Nesse sentido, não poderia escapar à fina análise de Machado de Assis. Após realizar a leitura de *Helena*, pode-se notar que a sociedade em que os personagens estão inseridos possui diversos desses vestígios que caracterizam uma forma de poder fundada em preceitos patriarcalistas.

Para dar início ao assunto, convém definir o termo patriarcalismo na esfera brasileira. Como o próprio nome diz, essa definição é o nome dado a um sistema em que a figura do patriarca apresenta-se como uma figura de autoridade, de chefe, o qual comanda não só a mulher e os filhos, mas também a família e escravos que o rodeiam. Além disso, o patriarca possui influência social e econômica na sociedade. Dentro dessa conceituação, a afirmativa de D’Incao confirma que “o chefe da casa, o novo patriarca, o patriarca burguês, investido de doçura e compreensão, determina todas as coisas que devem acontecer.” (D’INCAO, 2013, p.239).

Reis (1987, p. 26), ao definir o patriarcalismo, ressalta que a partir do senhor de engenho ou fazendeiro, considerado o patriarca, definiam-se as posições dos outros



sujeitos que não pertenciam à casa-grande. Com o passar dos anos, tais famílias começam a ocupar as cidades e o patriarcado é transferido para tal local. “Mudam as figuras, mas persiste a estrutura” (REIS, 1987, p. 45). Assim, do mesmo modo que ocorria na casa-grande, na cidade, o patriarca passa a comandar a família e os empregados. Reis (1987) afirma que mesmo os filhos eram subordinados ao pai, que exercia o papel de todo-poderoso e, partindo deste, como ponto de referência, se definia a função de cada membro da família.

Assim, já no início do romance ora analisado, nota-se a presença do patriarca, o conselheiro Vale, que mesmo após a morte é ainda capaz de dar ordens à família, ou seja, após morrer, sua família ainda continua sob sua influência e poder. Na narrativa, isso ocorre quando os familiares constatam que no seu testamento o conselheiro Vale reconhecia Helena – filha tida fora do casamento – como legítima, bem como ordena que ela seja recebida na casa em que vivem Estácio e a tia, D. Úrsula:

Uma disposição havia, porém, verdadeiramente importante. O conselheiro declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, havida com D. Ângela da Soledade. Esta menina estava sendo educada em um colégio de Botafogo. Era declarada herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens, e devia ir viver com a família, a quem o conselheiro instantaneamente pedia que a tratasse com desvelo e carinho, como se de seu matrimônio fosse. (ASSIS, 2015, p. 56)

Dona Úrsula, que era uma espécie de agregada da família, possuía mais de cinquenta anos e era solteira, e, por isso, vivia na casa do irmão dirigindo-a desde que sua cunhada falecera, contudo não compreendia o desejo do falecido irmão e relutava em aceitar a suposta sobrinha, devido à dignidade da família perante a sociedade. Há que se observar que essa família, hipocritamente, procurava falsear a dura realidade de um relacionamento extraconjugal do conselheiro Vale: “Recebê-la, porém, no seio da família e de seus castos afetos, legitimá-la aos olhos da sociedade, como ela estava aos da lei, não o entendia D. Úrsula, nem lhe parecia que alguém pudesse entendê-lo.” (ASSIS, 2015, p. 57)

Estácio, apesar do estranhamento inicial com a ideia de seu pai ter uma filha fora do casamento, acaba aceitando a moça na família, visto que essa era a ordem do patriarca:

A impressão de Estácio foi muito outra. Ele percebera a má vontade com que a tia recebera a notícia do reconhecimento de Helena, e não podia negar a si mesmo que semelhante fato criava para a família uma nova situação. Contudo, qualquer que ela fosse, uma vez que seu pai assim o ordenava, levado por sentimentos de equidade ou impulsos da natureza, ele a aceitava tal qual, sem pesar nem reserva. (ASSIS, 2015, p.57)



Do mesmo modo, D. Úrsula – obediente a uma ordem masculina que se mostra incontestável mesmo não mais pertencendo ao mundo dos vivos – acaba acatando as ordens e aceitando a situação: “— Bem sei que não há já agora outro remédio mais que aceitar essa menina e obedecer às determinações solenes de meu irmão, disse D. Úrsula, quando Estácio acabou de falar. Mas só isso; dividir com ela os meus afetos não sei que possa nem deva fazer” (ASSIS, 2015, p.61).

Nesses trechos fica claro que, mesmo morto, o patriarca exercia domínio sobre as pessoas que o rodeavam. Tanto o filho quanto a irmã acabam por aceitar a determinação, mesmo sabendo que o Conselheiro Vale não estaria ali presente para verificar se esta se realizaria.

Outra teoria que auxilia o entendimento da sociedade patriarcal foi elaborada por Reis (1987). Nela ele faz uma divisão social em dois grupos, chamando-os de núcleo e nebulosa: “No centro ou núcleo está a figura do senhor e patriarca, junto com os que habitam a casa-grande. Na nebulosa ou periferia, a bem dizer, todos os restantes” (REIS, 1987, p. 32).

Vale lembrar que a sociedade, para Reis (1987), era organizada em círculos sociais, os quais estavam orientados para o centro. Dessa forma, quanto mais perto do centro o indivíduo estivesse, maior era sua posição social. Do mesmo modo, quanto mais distante do círculo, maiores as chances de ser confundido com um trabalhador servil e, assim, ser inferiorizado na sociedade. Por conseguinte, os personagens que pertenciam ao núcleo exerciam domínio sobre os que estavam na nebulosa, ou seja, a ordem social era extremamente hierarquizada.

Reis ressalta ainda que:

A mulher, se quisermos nos circunscrever à casa-grande, não havendo outro estigma que a leve a ficar na nebulosa (isto é: se ela não for índia ou negra, por exemplo), fazendo parte da classe senhorial, está sujeita à mesma hierarquia com relação ao homem. (1987, p.32).

Visto sob essa perspectiva, pode-se notar que mesmo que a mulher pertencesse à casa-grande ou à classe burguesa da cidade, ela devia ser submissa ao homem. Primeiramente, submissão ao pai. Depois, ao casar, tornava-se submissa ao marido e com uma singularidade: mesmo transformada em parte no núcleo por força do matrimônio, sua real classificação seria dentro da nebulosa.

Tendo em vista o que foi apresentado, pode-se dizer que, inicialmente, o Conselheiro Vale era quem estava posicionado no núcleo, visto que ele representava a figura do dominador, do chefe de família. Dessa forma, os empregados e escravos, bem como seu filho e sua irmã, ficavam dentro da nebulosa.

Após a morte do conselheiro, Estácio passa para o núcleo, enquanto na nebulosa ficam os empregados, escravos, a tia e posteriormente, Helena, a nova integrante da casa.

Vale ressaltar que Dona Úrsula convivia com o irmão e o sobrinho por ter uma idade avançada e por ser solteira. Assim, por não ter passado pelo casamento,

ela acaba tornando-se uma espécie de agregada da família, visto que perante a sociedade deveria viver acompanhada de uma figura masculina. Sendo assim, ela deveria ser obediente ao irmão, figura masculina representada pelo Conselheiro. É esse o motivo que a leva a aceitar a chegada da nova sobrinha, apesar de esta estar adentrando o seu espaço. Fica visível que a irmã do Conselheiro, apesar de estar próxima ao núcleo, na verdade, pertencia à nebulosa e, por isso, devia ser obediente ao irmão, mesmo após ele morrer.

Helena, por sua vez, aproxima-se do núcleo, contudo, sua origem pobre somada ao fato de ser mulher faz que ela seja classificada como parte da nebulosa e, assim como D. Úrsula, deva obediência ao patriarca.

É importante notar que, no momento em que Estácio passa a fazer parte do núcleo, ele passa a ser a representação do novo patriarca na família Vale. Isso ocorre porque, nas sociedades com bases patriarcais, após a morte do pai, comumente o legado patriarcal passa para o filho. Dessa forma, observa-se na narrativa que coube a Estácio a função de assumir o papel de chefe da casa. Era ele quem comandava a família e era a ele que Helena devia obediência: “[...] cumpria-lhe velar pela sorte de Helena, como irmão e chefe de família, indagar de seus sentimentos, e ordenar o que fosse melhor” (ASSIS, 2015, p.109).

É possível perceber que o filho do conselheiro Vale cumpre coerentemente seu papel. A título de exemplo, é perceptível que as ordens de Estácio eram claras e diretas: “Deixemos conversas lúgubres, e voltemos para casa, interrompeu Estácio.” (ASSIS, 2015, p.85), “— Não vá fazer tolices! disse ele em tom de branda repreensão [...]” (ASSIS, 2015, p.86), “- [...] Não faça imprudências, não saias a passeio enquanto eu estiver ausente” (ASSIS, 2015, p.133).

Também se pode notar na obra que Helena tentava ter domínio sobre si mesma, ou seja, buscava ser independente. Contudo, o irmão, como novo patriarca, comandava as situações: “Um dia, a insistência de Estácio teve tal caráter de autoridade, que pareceu constranger e molestar Helena. Ela replicou com um remoque; ele redarguiu com uma advertência áspera” (ASSIS, 2015, p.109).

Como se observa na citação acima, Estácio tornou-se o típico patriarca, a típica figura senhorial a quem todos se submetem. Comandava a vida da irmã, os momentos que ela podia ou não sair, com quem deveria relacionar-se etc. Nesse sentido, pode-se dizer que, tomando por base a teorização de Reis, o conselheiro Vale, primeiramente, ocupava o núcleo enquanto os outros personagens estavam na nebulosa. Porém, com a morte do chefe da família, Estácio passa a ocupar o núcleo, e o restante das pessoas continua na nebulosa, seja por serem escravos ou pelo simples fato de serem mulheres.

Olhando para outras personagens que fazem parte dessa narrativa, nota-se a presença de outro representante da ordem patriarcal: trata-se de Camargo, futuro sogro de Estácio. Assim como o Conselheiro Vale e Estácio, era Camargo quem comandava a família, composta por ele, a esposa, D. Tomásia, e a filha, Eugênia. Em certa passagem, quando Camargo retorna da casa de Estácio, encontra Eugênia tocando piano: “Eugênia tocava com habilidade; e Camargo gostava de a ouvir. Naquela ocasião, porém, disse ele, parecia pouco conveniente que a moça se

entregasse a um gênero de recreio qualquer. Eugênia obedeceu, algum tanto de má vontade” (ASSIS, 2015, p.55).



Vale ressaltar que era o patriarca quem decidia o futuro da filha. Sendo assim, tendo Estácio o inicial desejo de casar com Eugênia, deveria pedir a moça em casamento ao pai, Dr. Camargo: “Estácio escreveu no dia seguinte uma carta ao Dr. Camargo, pedindo-lhe a mão de Eugênia, carta seca e digna, como as circunstâncias a pediam” (ASSIS, 2015, p. 126). Com o aceite e principalmente com o desejo do pai, Eugênia torna-se noiva de Estácio.

Tendo em vista a teoria apresentada por Reis (1987) sobre núcleo e nebulosa, pode-se dizer que Camargo estava posicionado no núcleo, visto que era homem e branco. Além disso, por ser médico e estar sempre ligado à política, acabava obtendo ainda mais relevo social.

Enquanto isso, Eugênia e D. Tomásia, por serem mulheres e submissas às ordens do patriarca, estavam na nebulosa. Elas deveriam obedecer às ordens deste e seguir todos os preceitos impostos pela sociedade ainda fundada dentro dos padrões da ordem patriarcal.

Ao analisar ambas as famílias, pode-se concluir que o homem, sendo branco e tendo um maior status social, domina e comanda sua família, fazendo o devido papel de patriarca. É o que acontece tanto na família de Helena quanto na de Eugênia, em que o Conselheiro Vale, seguido de Estácio – herdeiro natural do poder que o pai exercera até morrer –, bem como Dr. Camargo, comandam as mulheres da casa e todas as outras pessoas que estão em posição inferior a eles, sejam escravos ou empregados.

## 2. Espaço do homem e da mulher

Uma das características da sociedade patriarcal que aparece retratada na obra diz respeito ao espaço dedicado ao homem e ao espaço dedicado à mulher na sociedade. Pode-se dizer que o homem ocupa o espaço da rua, o do mundo exterior, para trabalhar e resolver seus negócios, enquanto a mulher ocupa o espaço da casa, considerado de âmbito privado, dentro do qual cuida de si e da família que ali vive.

Segundo Roberto DaMatta, “o espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (1997, p. 28). Sendo assim, segundo o teórico, a casa e a rua não representam somente um espaço geográfico, mas também uma entidade moral, uma esfera de ação social, em que as ações do indivíduo se realizam seguindo os padrões determinados para tal espaço.

Logo, nota-se que em *Helena*, os indivíduos ocupavam determinados espaços conforme a ordem social. A função de Estácio, por ser homem, estava ligada às coisas que estavam fora do âmbito da casa, ou seja, ligadas à rua:

Fazendo esta última reflexão, Estácio sacudiu do espírito o assunto e seguiu a examinar as novas obras da chácara, entre as quais figuravam

vasto tanque. Já ali estavam os operários; ia começar o trabalho do dia. Estácio viu a obra feita e deu várias indicações novas. (ASSIS, 2015, p. 99)



Dessa forma, percebe-se que mesmo com a mudança da casa grande para o espaço urbano, a mulher continuou, segundo Freyre (1936), a ser submissa ao homem e tendo que dedicar-se aos afazeres domésticos. No romance machadiano ora estudado, isso também ocorre com as mulheres. Assim, percebe-se que primeiramente era Dona Úrsula quem cuidava da casa: “Subiram a escada, atravessaram a varanda e entraram na sala de jantar, onde acharam Dona Úrsula dando as ordens daquele dia a dois escravos.” (ASSIS, 2015, p.88)

Depois, com o adoecimento da tia, Helena ocupa-se dos deveres desse espaço:

O que completava a pessoa de Helena, e ainda mais lhe mereceu o respeito de todos, é que, no meio das ocupações e preocupações daqueles dias, não fez padecer um só instante a disciplina da casa. Ela regeu a família e serviu a doente, com igual desvelo e benefício. A ordem das coisas não foi alterada nem esquecida fora da alcova de D. Úrsula; tudo caminhou do mesmo modo que antes, como se nada extraordinário se houvesse dado. Helena sabia dividir a atenção sem a dispersar. (ASSIS, 2015, p.102)

Ao atentar-se ao espaço ocupado pela família de Camargo, é possível observar que a divisão de espaços dedicados a homens ou a mulheres também se torna perceptível, assim como ocorre na família de Helena.

Nota-se que Camargo cuida dos deveres que são realizados nos espaços externos à casa, isto é, ele é médico e sua função é sair do âmbito da casa e percorrer os espaços externos para atender seus pacientes. Além disso, ele era muito ligado à política, assunto que à época pertencia somente aos homens, ainda que nem sempre tivessem domínio sobre tal matéria, ou se mostrasse omissos a uma clara postura política, conforme se depreende do trecho a seguir citado: “Era difícil saber se Camargo professava algumas opiniões políticas ou nutria sentimentos religiosos.” (ASSIS, 2015, p. 54)

Em contrapartida, as mulheres da casa, representadas por D. Tomásia e Eugênia, cuidam do lar e dedicam-se aos afazeres internos, isto é, tendem a ficar mais reclusas, tendo pouco contato com a rua: “Quando Camargo chegou a casa, no Rio Comprido, achou sua mulher, — D. Tomásia, — meio adormecida numa cadeira de balanço e Eugênia ao piano, executando um trecho de Bellini.” (ASSIS, 2015, p.55 ). É possível notar nesse trecho que, enquanto Camargo ocupava-se das coisas da rua, Eugênia e a mãe ficavam em casa, lendo, tocando piano, ou fazendo qualquer outra coisa que não tivesse relação com a rua.

Nota-se assim que os espaços em *Helena* estão subdivididos conforme o sexo e a função social da pessoa. Os homens ficavam com os deveres da rua, as mulheres, com os da casa.

Vale lembrar que para DaMatta (1997, p.15) o espaço definido como casa pode ser alterado, sendo representado tanto por um quarto como por um país, tudo dependerá do que está no oposto, no caso, o que se define como rua.



Além disso, não se pode misturar o espaço da rua com o espaço da casa e, para intermediar esses espaços, DaMatta traz a concepção de espaços arruados, ou seja, aqueles espaços que “fazem a ponte entre o interior e o exterior – como as janelas, as varandas, salas de visita, cozinhas, entradas de serviço, dependências de empregadas e quintais” (1997, p.52).

Por servirem de ligação entre o espaço da rua e o espaço da casa, os espaços arruados também podem ser vistos como o ambiente de transição, no qual a mulher poderia percorrer, desde que se mantenha visível aos olhos controladores da família e da sociedade.

Sendo assim, os espaços arruados tornam-se lugar de encontro, principalmente entre mulheres e homens. É o que ocorre com Eugênia no romance em questão, ao perceber a chegada do pretendente: “Mal o avistou de longe, desceu Eugênia à porta do jardim” (ASSIS, 2015, p.18).

Outros encontros podem ser notados no decorrer da história, como é o caso das visitas de Mendonça, velho amigo da família, que, ao frequentar a casa da família de Helena, não adentra espaços que não se classifiquem como espaços arruados, isto é, ele permanece na varanda, na sala de visitas, mas jamais adentra os cômodos mais íntimos da casa: “[...] as duas senhoras e Mendonça se achavam na varanda, acabado o jantar, bebendo as últimas gotas de café.” (ASSIS, 2015, p. 135)

De modo análogo, Padre Melchior, apesar de sua posição, também permanecia em tais espaços: “Pela volta do meio-dia, chegou Melchior. Na sala de visitas achou D. Úrsula, que o espreitava de uma das janelas.” (ASSIS, 2015, p. 188)

É interessante observar que, se os espaços arruados são locais de encontro de pessoas de sexos opostos, “o interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário que o estranho nunca penetra.” (DAMATTA, 1997, p.48). Santuário maior ainda para a mulher era a alcova:

As alcovas, espaço do segredo e da individualidade, forneciam toda a privacidade necessária para a explosão de sentimentos: lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis. (D'INCAO, 2013, p.229)

Nota-se assim que a alcova passa a representar o espaço “casa” para a mulher e que o homem (salvo se gozar de grande intimidade), por sua vez, não podia adentrar nesse espaço. Observa-se que em *Helena*, mesmo no momento em que ela está enferma, “Estácio mal ousava entrar na alcova da doente.” (ASSIS, 2015, p.137)

Por fim, outra concepção de espaço trazida por DaMatta (1997, p.46) é a de “outro mundo”, ou seja, uma espécie de zona neutra, em que as coisas deste mundo são colocadas sob cuidado de algo superior, um espaço em que se renunciavam aos sofrimentos, dores e injustiças. Pode-se observar esse “outro mundo” muito presente na sociedade com marcas patriarcais, visto que os indivíduos obedeciam aos preceitos da igreja, aqui uma representação do outro mundo, e acreditavam existir uma força superior que regia por eles e os guiavam.

Quando não conseguiam resolver seus problemas e aflições, as pessoas buscavam ajuda com o padre ou em preces. Na esfera do romance, essa situação ocorre, por exemplo, com Estácio. Ao ser convidado por Camargo a entrar na

política, ele responde “— Já lhe disse o que sinto a tal respeito. Contudo, estou pronto a refletir, e a consultar o Padre Melchior [...]” (ASSIS, 2015, p.94). Em outro momento, Helena, sem saber como reagir diante dos problemas, recorre a Deus: “[...] e só então recorreu ao remédio melhor de uma alma ulcerada e pia: rezou. A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações.” (ASSIS, 2015, p.123)

Em determinado momento, ao falar com o padre sobre um futuro casamento, observa-se que Helena concorda que tudo acontece conforme as forças do outro mundo desejarem:

— Vamos lá, disse ele; ninguém pode decidir o que há de fazer amanhã; Deus escreve as páginas do nosso destino; nós não fazemos mais que transcrevê-las na terra.

— É verdade! confirmou ela com um gesto de cabeça, e sem erguer os olhos.

— Amanhã, continuou o padre, o acaso, — isso a que os incrédulos chamam acaso, e que é a deliberação da vontade infinita, — lhe apontará um homem digno da senhora, e seu coração lhe dirá: é este; e o suspiro desalentado de hoje converter-se-á num olhar de graças ao céu. Ora, o que eu lhe peço, o que eu desejo, é que se apresse tanto que eu possa casá-los... (ASSIS, 2015, p.142)

Pode-se observar, nesse trecho, que o padre percebe que Helena está apaixonada pelo possível irmão, e, portanto, seus conselhos fundamentam-se não só nos preceitos religiosos, mas também nos preceitos morais e culturais da sociedade, alertando sobre uma possível relação de incesto, isto é, ele aconselha a moça a esperar pelo homem que Deus irá mandar para desposá-la, ao invés de preocupar-se com o que acontece com a relação do irmão.

Pode-se concluir, portanto, que em *Helena*, a casa representa o espaço da mulher, um espaço sagrado, enquanto a rua representa o espaço do homem e dos negócios. Sendo assim, as mulheres mantêm contato com o mundo e com os homens através dos espaços arruados. Além disso, a presença do espaço do “outro mundo” é forte na sociedade, pois por meio desse “outro mundo” as pessoas buscam auxílio para seus problemas.

#### **4. A mulher na sociedade patriarcal: Helena**

A história das mulheres no Brasil tem muito a ver com o desenvolvimento da família patriarcal. As meninas aprendiam desde cedo a trabalhar em casa, cuidar dos irmãos, preparar refeições e eram ensinadas a dedicar-se ao homem. A preocupação com o casamento era uma constante.

Maria Ângela D’Incao (2013) comenta que a valorização da intimidade era uma das principais características da mulher “de família”. Dessa forma, a mulher devia, acima de tudo, preservar sua virgindade. Além disso, devia saber como comportar-se em público, não ficar a sós com homens e devia vestir-se de forma a cobrir todo o corpo.

E. Belman, viajante dinamarquês, afirma que “as mulheres até casarem quase nunca saem de casa, a não ser quando sob a vigilância da mãe e quando vão à missa; companhia de homens lhes é absolutamente proibida” (1825, *apud* DEL PRIORE, 2014, p.69). Em relação à vestimenta, Del Priore (2014, p.73) comenta que: “Do corpo inteiramente coberto da mulher o que sobravam eram as extremidades. Mãos e pés eram os que mais atraíam olhares e atenções masculinas.” Logo, devido ao fato de o corpo da mulher ser visto como algo intocável antes do casamento, “[...] a mulher submetia-se à avaliação e opinião dos outros”. (D’INCAO, 2013, p.228)

A repressão sexual era grande, pois estava ligada à moral tradicional, ou seja, para ser uma boa esposa, para que uma jovem pudesse arranjar casamento, ela deveria ser, acima de tudo, uma mulher pudica e virgem. Noutras palavras, “Sua reputação social se media exclusivamente pela capacidade de resistir aos avanços masculinos.” (DEL PRIORE, 2014, p.121).

Miridan Knox Falci (2013, p.256) comenta que havia uma necessidade da mulher em casar-se. Dessa forma, segundo ela, as jovens seguiam os conselhos da mãe em relação ao seu comportamento recatado e à valorização de um futuro casamento. Ela relembra que aos doze anos as meninas já iniciavam seus enxovais e era uma angústia enorme caso o casamento não se realizasse até os 25 anos.

Tendo como base a teoria apresentada, percebe-se que Helena possuía todas as características que a mulher da época deveria ter, ou seja, era uma moça recatada, inteligente e pronta para casar:

Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima da mediana, talhe elegante e atitudes modestas. [...] As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. (ASSIS, 2015, p.64)

Pode-se notar pela descrição de Helena que a moça era comparada a um ser intocável, a um anjo. Tais comparações correspondem ao espírito romântico de idealização da figura feminina, contudo, vale observar que mesmo com características românticas, a obra possui muitas características da prosa realista.

Para Roberto Schwarz: “[...] sem vantagem literária aparente, Machado ligara o seu romance a problemas de menor alcance, que no entanto iriam determinar uma aglutinação diferente e verossímil de temas locais [...]” (1988, p. 67). O crítico literário afirma ainda que “com maestria consumada e posição indefinida, Machado circulava entre a intriga ultra-romântica, a análise social, a psicologia profunda, a edificação cristã e a repetição da mais triste fraseologia” (SCHWARZ, 1988, p.104).

Ademais, Schwarz (1988) ressalta que *Helena* é um livro de passagem, devido à diversidade estilística marcada. Para ele, já nos parágrafos iniciais é possível observar que a obra possui caráter realista, mostrando uma visão desabusada e

humorística da sociedade brasileira, contudo, ao falar de Helena, como no trecho citado anteriormente, bem como aos sentimentos que envolvem a moça, Machado aproxima-se das características românticas.



Assim, ao aproximar-se de tais características, Machado idealiza, inicialmente, a figura de Helena. Levando em conta os adjetivos utilizados pelo escritor para descrever a moça, nota-se que ela era dotada de pureza e educação, assim como as mocinhas das obras literárias do Romantismo. Era o típico exemplo de mulher educada e preparada para o casamento. Percebe-se também que Helena, apesar de jovem, já havia aprendido a lidar com os deveres de uma mulher:

Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes. (ASSIS, 2015, p.68)

Vale lembrar que a questão da vigilância da mulher, conforme destaca D’Incao (2013), era a garantia de um casamento por aliança política ou econômica e, dessa forma, as mulheres aprenderam a se comportar e passaram a se autovigiar. Logo, por ser uma moça pura, Helena buscava não ficar a sós com homens em espaços privados. Nos primeiros dias, ao chegar à casa da família, buscava ela conhecer o local:

Estácio declarou-se pronto para acompanhar a irmã. Helena, entretanto, recusou. Irmão embora, era a primeira vez que o via, e, ao que parece, a primeira que podia achar-se a sós com um homem que não seu pai. (ASSIS, 2015, p.66)

Em outro momento, na festa de aniversário de Estácio, Doutor Camargo vai até a sala para conversar com Helena. Nota-se aqui, novamente, a presença de um espaço arruado para o encontro de ambos. Percebe-se também, que Helena mostra-se indiferente a Camargo. Por um lado, para manter sua postura de mulher recatada e, por outro, pelo fato de Camargo estar ali para chantageá-la, visto que ele havia descoberto que Helena frequentava uma determinada casa com uma flâmula azul e desconfiava que tais visitas eram encontros amorosos, suspeição que será desfeita alguns capítulos adiante.

Convém ressaltar que Helena representava uma ameaça a Camargo, visto que ela herdara parte da herança que a princípio seria destinada somente a Estácio, com quem Camargo pretendia firmar o casamento da filha, Eugênia.

A voz de Camargo produziu-lhe a impressão de desagrado que lhe fazia sempre. Sorriu a moça contrafeitamente, e, vendo que ele se dispunha a sentar-se no sofá, não arredou o vestido, como se quisesse deixar entre ambos larga distância. (ASSIS, 2015, p.116)

Se em espaços privativos não era permitido à mulher ficar a sós com um homem, quando circulavam no espaço público e mesmo em espaços privativos, em que a avaliação da sociedade poderia pesar negativamente, a mulher deveria estar acompanhada por uma figura masculina.

Del Priore (2014) ressalta que as mulheres quase nunca saíam sozinhas de casa, a não ser que fosse para irem à missa sob vigilância de alguém. Isso ocorria, provavelmente, por medo de que as jovens perdessem a castidade. “Não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade” (D’INCAO, 2013, p.228). Tal fato pode ser observado no romance *Senhora*, escrito por José de Alencar, em que Aurélia compra o marido e exige que ele a acompanhe nos espaços públicos, a fim de não ser mal falada na sociedade.

Sendo assim, observa-se que Helena saía de casa sempre acompanhada, normalmente pelo irmão: “Helena cumprimentou a tia com um gesto gracioso, deu de rédea ao animal e seguiu ao lado do irmão. Transposto o portão, seguiram os dois para o lado de cima, a passo lento.” (ASSIS, 2015, p. 82)

Em outros momentos, acompanhava-a um escravo, ou seja, ela estava sempre sobre vigilância:

— Sozinha?

— Com o Vicente.

Vicente era o escravo que, como sabemos, se afeiçoara, primeiro que todos, a Helena; Estácio designara-o para servi-la. A notícia do passeio não lhe agradou. [...] D. Úrsula sorriu com tranquilidade.

— Que tem isso? disse ela. Já uma vez saiu a passeio com o Vicente e não aconteceu nada.

— Mas não é bonito, insistiu Estácio. Não está livre de um ato de desatenção.

— Qual! Toda a vizinhança a conhece. Demais, Vicente já não é tão criança. Tranquiliza-te, que ela não tarda. Que horas são? (ASSIS, 2015, p.105)

Vale ressaltar que, nesse trecho, Vicente, por ser escravo, era visto por Estácio como ninguém. Há aqui uma negação da figura do escravo, como ocorre em *Dom Casmurro*, em que Bentinho afirmava “Vivo só, com um criado”, isto é, ter um criado não representava nada, a figura do escravo não representava uma companhia, ele era como um sujeito invisível. Logo, ao sair acompanhada do escravo, era como se Helena estivesse saindo sozinha.

Pode-se notar assim que Helena representa o típico papel da mulher que vive em uma sociedade patriarcal, isto é, é pura, virgem, aprendeu a costurar, bordar, bem como cuidar e dedicar-se à casa e à família. Além disso, obedece aos seus superiores, representados pela figura do pai e do pseudo-irmão, Estácio.

## 5. A mulher na sociedade patriarcal: Eugênia



Ao aplicar a teoria apresentada à figura da personagem Eugênia, moça por quem Estácio era apaixonado inicialmente e a quem visitava com certa frequência, percebe-se que ela também representa as mulheres da época, sendo descrita como uma moça recatada, pura, com boa formação e que estava em busca do casamento.

Eugênia era uma das mais brilhantes estrelas entre as menores do céu fluminense. Agora mesmo, se o leitor lhe descobrir o perfil em camarote de teatro, ou se a vir entrar em alguma sala de baile, compreenderá, — através de um quarto de século, — que os contemporâneos de sua mocidade lhe tivessem louvado, sem contraste, as graças que então alvoreciam com o frescor e a pureza das primeiras horas. (ASSIS, 2015, p.72)

É importante observar que o nome Eugênia significa “bem-nascida”, “aquela que tem origem nobre”, “aquela que tem boas origens”. É o caso de tal personagem, que era de uma família nobre e, por isso, possuía uma boa educação e seguia os costumes da época. Também vale ressaltar que a apresentação de Eugênia se assemelha à apresentação de Aurélia, em *Senhora*, “Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.” (ALENCAR, 2002, p.13), e que além disso ambas as personagens possuem o mesmo sobrenome. Desta forma, é possível notar que tal semelhança não é em vão, visto que ela mostra que ambas as personagens eram moças da alta sociedade, bem vistas moralmente na sociedade.

Foi então que Eugênia passou às mãos de D. Tomásia. A mulher do Dr. Camargo via aquele casamento com olhos diferentes do marido. O que ela sobretudo via, eram as vantagens morais da filha. Sentou-a ao pé de si e recitou-lhe um catecismo de deveres e costumes, que Eugênia interrompia de quando em quando, com exclamações de obediência filial: — Sim, mamãe! ... Deixe estar! ... Mamãe há de ver! (ASSIS, 2015, p.128)

Nas palavras do pai, é possível notar que Eugênia fora criada para ser boa esposa, assim como a mãe era: “Serás herdeira das virtudes de tua mãe, que te proponho como o melhor modelo da Terra.” (ASSIS, 2015, p.127)

A moça sabia tocar piano, preocupava-se com as atividades referentes a casa, contudo era um pouco mimada: “[...] seu espírito rebelde e livre não adormecia nesses momentos de enfado; pelo contrário, irritava-se e traduzia a irritação por meio de pirraças e acessos de mau humor.” (ASSIS, 2015, p.75). Estácio via em algumas das características da futura esposa um pouco de futilidade, as quais, segundo Helena, deveriam ser aceitas para que houvesse um bom relacionamento entre o casal.

Vale ressaltar que “Nas casas, domínios privados e públicos estavam presentes. [...] As salas abriam-se frequentemente para reuniões mais fechadas ou

saraus, em que se liam trechos de poesia e romances em voz alta, ou uma voz acompanhava os sons do piano ou harpa” (D’INCAO, 2013, p.228). Dessa forma, Eugênia, assim como as outras moças, gostava de frequentar os bailes e saraus, visto que nesses momentos ela podia expor sua beleza para a sociedade:



Eugênia punha toda a atenção no gesto de braço com que, logo que interrompia ou cessava de todo a valsa, conchegava ao corpo a saia do vestido. O prazer com que fazia esse gesto, e a graça com que o acompanhava de uma leve inclinação do corpo mostravam que, mais ainda a faceirice do que a necessidade, lhe movia o corpo e a mão. Esta sorte de triunfos enchia a alma de Eugênia; e, porque ela não possuía nem a modéstia nem a arte de a simular, via-se-lhe no rosto o orgulho e a satisfação. A dança não era para a filha de Camargo um gozo ou um recreio somente; era também um adorno e uma arma. (ASSIS, 2015, p....)

Como gostava de ser vista em tais locais, Eugênia chateava-se quando não era o centro das atenções, pois possuía muitos dotes que se assemelhavam ao de outras moças e, sendo assim, gostava que os outros vissem e também a admirassem, isto é, não gostava de ser despercebida:

Outra vez, Helena organizou um sarau musical, em que tomaram parte Eugênia Camargo e mais três moças da vizinhança. Foi a primeira vez que a ouviram cantar. O sucesso não podia ser mais completo. Como o aplauso que lhe deram pareceu desconsolar um pouco a filha do médico, Helena preparou-lhe habilmente um triunfo, fazendo-a executar ao piano uma composição brilhante, sua favorita. (ASSIS, 2015, p.103)

O fato de ser mimada e receber tudo conforme queria deve-se, por um lado, ao fato de Eugênia ser filha única, e por outro, pelo fato de ela não possuir preocupações, visto que era seu pai, o patriarca da casa, quem comandava suas ações e era ele quem buscava todas as artimanhas para conseguir casar a filha com Estácio. A moça não fazia mais que obedecer às ordens da figura masculina.

Nota-se que Eugênia normalmente estava sob a vigilância de alguém, visto que sua castidade deveria ser mantida, para que assim conseguisse arranjar casamento: “Entraram ambos em casa, onde D. Tomásia os esperava. A mãe de Eugênia sabia combinar o decoro com os desejos de seu coração; não seria obstáculo aos dois namorados; [...]” (ASSIS, 2015, p.73). Nesse caso, a mãe, mesmo querendo que o casamento entre a filha e Estácio se realizasse, não deixava de ter cuidados sobre a filha.

Se a vigilância já ocorria dentro de casa, na rua isso acontecia com ainda mais força. Logo, ao frequentar tal espaço, Eugênia era sempre acompanhada da figura de um homem, visto que era inaceitável que a mulher frequentasse tal espaço sozinha: “Estácio acompanhou Eugênia e D. Tomásia na carruagem que as levou ao Rio

Comprido. O dia fora mais ou menos alegre; a viagem foi divertida e palreira como um regresso de romaria.” (ASSIS, 2015, p.97)

Pode-se assim finalizar que Eugênia representa a mulher criada para o casamento: é pura, bonita, sabe cuidar do lar e aprendeu desde cedo, com a mãe, como ser uma esposa ideal. Além disso, respeita o patriarca e segue as ordens dadas por ele. Contudo, talvez pelo fato de ser filha única, Eugênia é uma moça mimada e não aceita ficar em posição desfavorável em relação às outras moças da sociedade. Ela quer ser vista, admirada e adorada por todos.

## 6. A riqueza e a busca pela ascensão social

Reis (1987, p. 33) afirma que o bem maior pretendido pela sociedade do Segundo Reinado consistia na riqueza, e por consequência, na necessidade de ascensão social. Assim, o esforço daqueles pertencentes à nebulosa em atingir o núcleo era enorme. Dessa forma, havia duas maneiras para uma pessoa ascender socialmente: por meio da herança ou por meio do casamento.

No início de *Helena*, observa-se que o patriarca, conselheiro Vale, era um homem muito rico e de grande importância na sociedade.

O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei. Pelo lado materno descendia de uma das mais distintas famílias paulistas. (ASSIS, 2015, p.51)

Nota-se também que a riqueza e o lugar ocupado por Vale na sociedade vinha da família. Isso era comum na época, ou seja, a ascensão ocorrida por meio de herança. Consequentemente, seu filho Estácio também consegue a ascensão por intermédio da herança, visto que se torna dono de uma grande fortuna deixada pelo pai. Assim também ocorre com Helena, que começa a ascender socialmente por meio da herança recebida. Observa-se, no trecho seguinte, que Estácio estava disposto a ajudar a irmã nesta ascensão: “Quanto à camada social a que pertencia a mãe de Helena, não se preocupou muito com isso, certo de que eles saberiam levantar a filha até à classe a que ela ia subir.” (ASSIS, 2015, p. 57)

Outro modo de ascender socialmente era por intermédio de um casamento com alguém de uma posição mais alta na sociedade. Percebe-se que o matrimônio, para muitas mulheres, era também a forma de fugir da submissão ao pai. Porém, essa não era a realidade, visto que passavam a ser submissas ao marido.

Para D’Incao (2013, p.229), o casamento era uma forma de ascensão social ou de manutenção do status da família e acontecia por conveniência, por meio de manipulações e estratégias: “O casamento é apenas um jogo de interesses” (DEL PRIORE, 2014, p. 64).





Assim, na obra *Helena*, Eugênia também buscava um casamento, e seu pai, Camargo, via em Estácio a realização deste propósito. O noivo seria perfeito para a filha, pois era de classe alta e, assim, ela poderia ter um status melhor na sociedade. Dessa forma, Camargo usa de todas as artimanhas possíveis para que o casamento se realize: “Ele espreitou durante longo tempo um noivo, armando com algum dispêndio a gaiola em que o pássaro devia cair. No dia em que percebeu a inclinação de Estácio, fez quanto pôde para prendê-lo de vez.” (ASSIS, 2015, p.129)

Em busca de mais prestígio na sociedade, Camargo busca colocar o futuro genro na política: “Camargo cuidara da carreira política de Estácio, como um meio de dar certo relevo público ao da filha, e, por um efeito retroativo, a ele próprio, cuja vida fora tanto ou quanto obscura” (ASSIS, 2015, p.129).

Depois, querendo que o casamento se firmasse de vez, o pai de Eugênia conversa com Helena, pedindo que esta interceda pelo casal:

— Não havia inconveniente; estabeleceu-se, porém, que um pai não deve ser o primeiro a falar em tais coisas. É preciso respeitar a dignidade paterna. Acresce que Estácio é rico, e tal circunstância podia fazer supor de minha parte um sentimento de cobiça, que está longe de meu coração. (ASSIS, 2015, p.119)

Mais adiante, Helena escreve uma carta, na qual descreve a atitude de Camargo:

A carta falava também de um homem, cujo egoísmo de pai não conhecia limites, e que a todo o transe queria que a filha desposasse uma grande riqueza e uma grande posição, — “homem, dizia ela, que me viu a princípio com olhos avessos, pela diminuição que eu trazia à herança”. (ASSIS, 2015, p.122)

Eugênia aceitava a decisão do pai, visto que seu princípio era casar e que Estácio era o homem de quem gostava: “Acabado o jantar, Camargo deu conta do pedido à mulher, e os dois pais chamaram a filha à sala. Eugênia ouviu a notícia sem baixar os olhos nem corar. Interrogada, respondeu que era muito do seu gosto o casamento.” (ASSIS, 2015, p.126)

É interessante observar que, como dito anteriormente, a mãe de Eugênia aconselhava a filha em relação ao seu comportamento após casar. Um dos conselhos era de que ela fosse econômica, ao que o pai opunha-se totalmente:

— Econômica, sem avareza, emendou Camargo. A riqueza não deve ser dissipada, mas é certo que impõe obrigações imprescindíveis, e seria da maior inconveniência viver a gente abaixo de seus meios. Não farás isso nem cairás no extremo oposto; procura um meio-termo, que é a posição do bom senso. Nem dissipada, nem miserável. (ASSIS, 2015, p. 127)

Com todas as artimanhas que estavam ao seu alcance, Camargo conseguiu enfim unir a felicidade da filha à alegria de possuir status e dinheiro.



Outro caso de ascensão por meio do casamento ocorre por meio de Mendonça, um antigo amigo de Estácio, o qual vê em Helena uma possível esposa. Na sociedade, as pessoas comentavam sobre a possibilidade de tal casamento acontecer.

A opinião dos três é que o casamento era coisa provável, e talvez certa. Um só obstáculo podia haver; eram os escrúpulos do pai de Mendonça. Esse mesmo obstáculo não existia, porquanto, além das qualidades estimáveis da moça, havia o reconhecimento legal e social, público e doméstico; acrescentando (observação do Dr. Matos) que duzentas e tantas apólices mereciam um cumprimento de chapéu e não davam lugar a cinco minutos de reflexão. (ASSIS, 2015, p.134)

Novamente a questão do dinheiro está presente nas relações do casamento, ou seja, as núpcias não eram vistas como uma união por amor, mas sim uma união por dinheiro.

Por outro lado, vale ressaltar que após tratado o casamento, Helena passa a agir de modo diferente em relação a Mendonça, antes o tratava de forma fria, agora, já começava a dar os primeiros passos na direção de ser uma boa esposa.

Ela mostrava-se graciosa, solícita e atenta, como uma esposa amante; (...) Familiarizado com Helena, tratado por ela com esquisita atenção, era contudo a primeira vez que ela lhe falava, não como a um confidente amigo, mas como a um homem que poderia vir a ser seu esposo. Alguma seriedade, um olhar submisso, uma atenção continuada, fizeram essa diferença, que antes foi sentida pelo coração do que descoberta pelos olhos. (ASSIS, 2015, p.145)

Percebe-se que Helena estava disposta a tudo para realizar o casamento, não por amor a Mendonça, mas por querer ver o irmão desiludir-se dela. Contudo, as coisas acabam mudando. O segredo de Helena é revelado, ou seja, descobre-se que ela não é filha legítima do conselheiro Vale e, sim, de Salvador, o homem que morava na casa da bandeira azul, que ficava a alguma distância da casa onde a moça vivia com Estácio e Dona Úrsula.

O verdadeiro pai de Helena, ao conversar com Estácio e com o padre Melchior, conta a verdadeira história, justifica-se e apresenta então a seguinte defesa em relação à filha:

(...) eu via minha filha e seu futuro: nada mais. (...) Helena resistiu até à última; cedeu somente à necessidade da obediência, à imagem de sua mãe que eu invoquei, como um supremo esforço, à fiança que lhe dei de que a acompanharia sempre, de que iria viver perto dela, onde quer que o destino a levasse; cedeu exausta, sem convicção nem fervor. Se nesse ato decisivo de Helena há culpa, é toda minha, porque eu fui o autor único; ela não passou de simples instrumento, instrumento rebelde e passivo. (ASSIS, 2015, p.205)

Depois Estácio e o padre Melchior conversam sobre o relato de Salvador, e o padre faz a seguinte observação: “— Decerto. Helena obedeceu à vontade de seus dois pais, aceitando o equívoco em que ambos a vieram colocar. Obedeceu à força. Agora, está reconhecida; é um fato que não podemos discutir nem alterar” (ASSIS, 2015, p.206).

Com isso, pode-se dizer que Helena, por ser mulher e submissa ao homem, não desrespeitou a ordem de nenhum dos pais. Atendeu ao desejo de ambos e passou a conviver com a família de Estácio, garantindo também a herança deixada por Vale. Para Schwarz:

Agora, sim; roto o vínculo, restituída a verdade, ele conhecia que a voz da natureza, mais sincera e forte que as combinações sociais, os chamava um para o outro, e que a mulher destinada a amá-lo e ser amada era justamente a única que as leis sociais lhe vedavam possuir. [...] Senhora do segredo de seu nascimento, e consciente de amar sem crime, a moça apressara, não obstante, o casamento de Estácio e escolhera para si um noivo estimado apenas. Se uma vez a palavra delatora lhe rompeu dos lábios, ela a retraiu logo, fazendo o mais obscuro dos sacrifícios. (ASSIS, 2015, p.210)

Dessa forma, após todo o desastre, vendo que não conseguiria realizar -se no amor, a única solução encontrada para Helena foi a morte. Enquanto alguns sofriam com a morte da moça, outros alegravam-se, pois agora o casamento entre Estácio e Eugênia finalmente ocorreria.

— Perdi tudo, padre-mestre! gemeu Estácio.

Ao mesmo tempo, na casa do Rio Comprido, a noiva de Estácio, consternada com a morte de Helena, e aturdida com a lúgubre cerimônia, recolhia-se tristemente ao quarto de dormir, e recebia à porta o terceiro beijo do pai. (ASSIS, 2015, p.218)

Pode-se notar enfim que, Eugênia consegue realizar o casamento e juntamente com isso, alcançar a tão sonhada ascensão social. Por outro lado, Helena consegue ascender socialmente por meio da herança. Contudo, morre infeliz por não conseguir realizar o tão sonhado casamento com a pessoa amada.

## 7. Para finalizar

Após analisar a obra, nota-se que prevalece nela uma sociedade com fortes marcas patriarcais. Um pai que exerce a sua função mesmo após a morte, que é o caso do Conselheiro Vale. Um filho que, após a morte do pai, recebe sua parte da herança e a função de patriarca, tomando conta da família e dos bens desta. Além disso, nota-se na obra a divisão de espaços, ou seja, a casa está para a mulher, assim como a rua está para o homem. A mulher cuida da casa e dos afazeres domésticos. O homem cuida dos negócios e relaciona-se com a política.

Outro ponto observado é a questão do recato e da submissão da mulher ao homem, ou seja, ela deve seguir as regras ditadas pelo patriarca, aprender a cozinhar e cuidar do lar, não sair sozinha e não ficar a sós com homens. Deve ser pura, para que assim consiga arranjar um casamento.

Também é possível notar que a questão do matrimônio está sempre ligada ao patrimônio. Normalmente os casamentos são arranjados a fim de obter-se dinheiro e status social, ou seja, conseguir a tão sonhada ascensão social. Pode-se notar que, no livro, Camargo representa muito bem esse papel, arranjando um noivo para a filha, bem como o incluindo na política, a fim de aumentar sua importância social e, por consequência, o da filha e de sua família.

Contudo, é possível observar que as mulheres que não seguem os padrões ditados pela sociedade acabam sendo castigadas no fim das narrativas que tratam sobre relacionamentos amorosos. Caso representado por Helena, que vem de uma família pobre, busca ascender socialmente por meio do reconhecimento como filha do conselheiro Vale, acaba apaixonando-se pelo suposto irmão e por tudo isso tem um único fim, a morte.

Como uma marca irônica de Machado, observa-se que Eugênia vem de uma família abastada financeiramente, mas, mesmo assim, seu pai visa aumentar a riqueza familiar através da junção de patrimônios entre as famílias. Para que esse aumento de capital acontecesse, o casamento entre Estácio e Eugênia foi a solução e, dessa forma, a filha de Camargo consegue realizar o sonho do casamento e ter a ascensão social esperada.

Tendo em vista o que foi apresentado, pode-se concluir então que o dinheiro é responsável por muitas ações que se desenvolvem na sociedade, até mesmo o casamento, que deveria ser um ato de amor. Une-se assim o útil ao agradável, o patrimônio ao matrimônio.

---

## Referências

---

- ASSIS, Machado. **Helena**. 1ª ed. - Porto Alegre; Editora L&PM, 2015.  
DAMATTA, Roberto **A Casa & A Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, 5ª ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 2ª ed. – São Paulo: Planeta, 2014.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) & PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. Textos). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 223 a 240.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) & PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. Textos). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 241 a 277.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural do Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SCHWARZ Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 3ª ed. São Paulo: Livraria duas cidades LTDA, 1988.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro**. Niterói: EDUFF; Brasília: INL, 1987.

---

### Para citar este artigo

---

SOUZA, Vanessa Fátima Moraes de; LIMA, Marcos Hidemi. A ascensão social através do casamento e da herança em uma sociedade com marcas patriarcais: uma análise da obra Helena de Machado de Assis. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 82-102, jan.-jun. 2017.

---

### Os autores

---

**Marcos Hidemi de Lima** professor da graduação e mestrado em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: romances brasileiros; ordem patriarcal, figuras femininas.

**Vanessa Fátima Moraes de Souza** Graduada em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2012). Possui Especialização em Educação do campo, indígena e quilombola (2014) e Especialização em Letras Linguagem e Sociedade (2015)